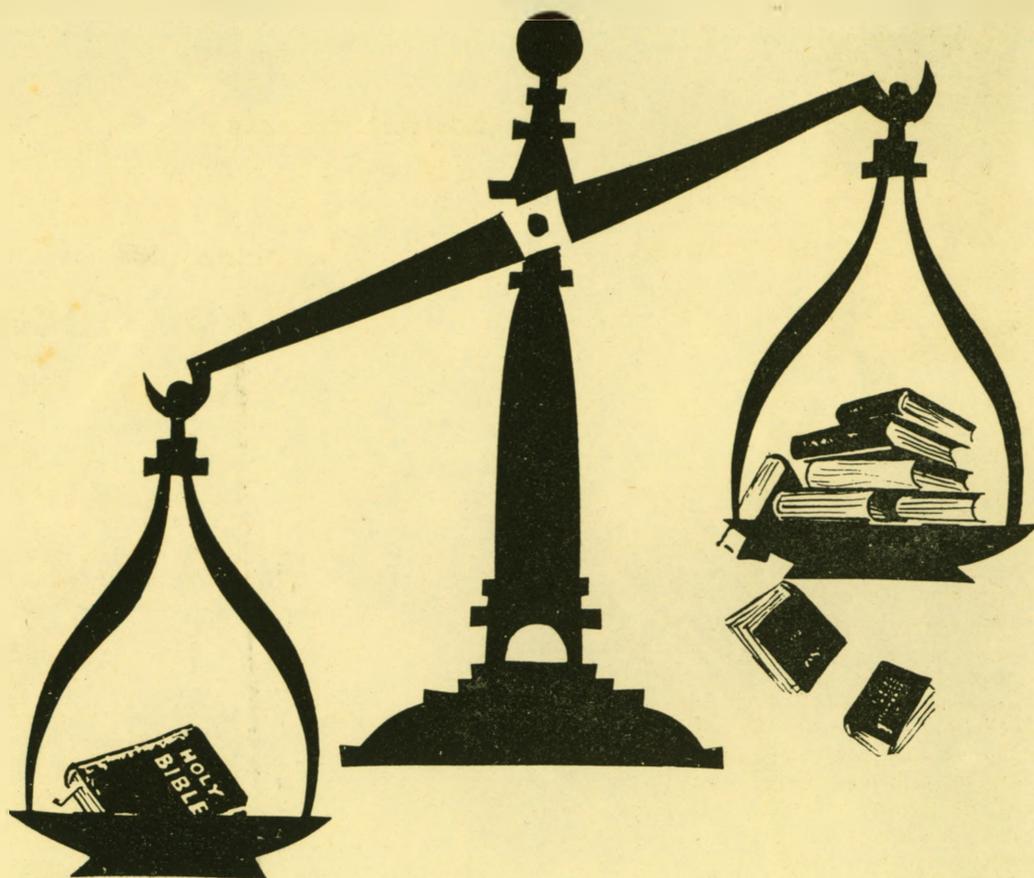




Ministério

Adventista

Setembro-Outubro de 1965



Muitos dos que o Senhor tem chamado para realizar uma obra para Ele no ministério estão sobrecarregados com um acúmulo de livros. Com alguns, comprar livros torna-se uma paixão. Amiúde êstes livros jazem nas estantes, quase sem ser tocados. Alguns são lidos; mas caso o tempo que é ocupado em estudar êstes livros fôsse dedicado a fervorosa oração, caso os ministros unissem a alma com o divino Mestre, e examinassem as Escrituras, famintos e sedentos pelo conhecimento que provém diretamente da Fonte inexaurível, seriam grandemente abençoados.

Aquêles que se apóiam inteiramente em Deus não necessitam bibliotecas dispendiosas a fim de obter compreensão das Escrituras. Muitos livros de preço elevado não são essenciais; e os que estudam êstes livros com negligência da Bíblia correm o perigo de ficar confusos em suas idéias. Acaso não é um fato que os que possuem os maiores auxílios, no que respeita a obras teológicas, são os menos preparados para pregar aos outros a palavra de vida? Deus conferiu-nos um auxílio, Sua santa Palavra, e esta é inteiramente segura; pode-se confiar nela. Os pastores do rebanho de Deus, que lêem e estudam o livro fidedigno, e oram por instrução dêle, encontrarão os mensageiros celestiais bem perto, prontos para verter de si o áureo óleo.— Ellen G. White, em *Review and Herald*, 20 de abril de 1897.



EDITORIAL

Automatização

Impossível

ENOCH DE OLIVEIRA

Desponta nos EE.UU. uma nova era tecnológica, suscitando ao mesmo tempo esperança e apreensões: a da automatização. Existem espalhados pelo país, aproximadamente 11 mil computadores eletrônicos, realizando o que o homem jamais conseguiu fazer.

Bastam alguns exemplos para dar uma idéia da revolução promovida por essas máquinas automáticas. Já são inúmeras as fábricas de calçados que funcionam eletronicamente. O computador de cada máquina produz mil pares de sapatos de cada tamanho e modelo, e os armazena. Os pedidos são feitos eletronicamente (apenas um funcionário regista os pedidos) e, quando se impõe a necessidade de aumentar o estoque, o computador volve a acionar a máquina, produzindo tantos calçados quantos necessários.

Há em Nova York um grande laboratório, que produz centenas de diferentes produtos químicos e farmacêuticos. Um único empregado recebe as encomendas, regista-as em uma máquina, e estas são preparadas, acondicionadas e até levadas ao caminhão de entregas, por processos eletrônicos, sem nenhuma interferência humana.

Os médicos — informa o Diário de São Paulo (23-3-64) — poderão saber o estado de seus pacientes através de uma "enfermeira" eletrônica. Um aparelho pode verificar até 25 pacientes em estado grave simultaneamente, tomando nota do estado do coração, da respiração, temperatura e pressão do sangue. Conhecido como Telemonitor ITT, o instrumento pode dar sinal de alarme quando o paciente demonstrar alguma irregularidade em seu estado.

Este significativo desenvolvimento mecânico está criando problemas sociais e econômicos, operando mudanças imprevisíveis para a vida humana. É certo que esta automatização aumentará o conforto e o bem-estar do homem, criando novos padrões de progresso. Mas, tam-

bém é evidente, que surgirão alguns problemas cruciais, não previstos pelos otimistas.

O mercado de trabalho sofrerá uma grave crise. Acredita-se que pelo menos 2 milhões e 200 mil empregos serão eliminados cada ano. Isto significa que 40.000 operários serão dispensados cada semana, criando assim a "indústria do ócio."

De acordo com as estatísticas, cerca de 4 milhões de americanos, anualmente, atingem a idade adulta. Muitos destes, entretanto, quando procurarem uma atividade remunerada, descobrirão que não mais existe o emprego que imaginaram, pois as máquinas tomaram o lugar do homem.

Mas, nesta era em que os cérebros eletrônicos começam a ser postos em lugar do homem, destacamos a inexistência de substitutos para o pregador. Não importa quantos instrumentos eletrônicos e mecânicos existam, não há substituto para essa comunicação pessoal do evangelho. Nas relações de Deus com o homem, o ministério da palavra sempre ocupou e ocupará um lugar proeminente.

É atribuída a João Calvino a seguinte declaração: "Tirai a Palavra e a fé desaparecerá." Com efeito, sem a Palavra de Deus não há fé; porém, sem a palavra do homem, tampouco existirá fé. Mui significativas são as perguntas de Paulo: "Como pois invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão se não há quem pregue?" (Rom. 10:15).

Uma das maravilhas do evangelismo é que o Senhor não Se vale de processos mecânicos, mais sim de instrumentos humanos na conquista de almas para Cristo. Ele poderia empregar outros recursos para esta obra. Porém, em Seus insondáveis designios decidiu valer-*Se* dos homens para este sublime cometimento. Por isso sentenciou um pregador: "Não encontraremos

no Céu renidos que não tenham em si as impressões digitais de outra pessoa.”

Quando Cristo interceptou os passos de Saulo, na arenosa via de Damasco, bem lhe poderia revelar diretamente o plano da redenção. Mas, apenas lhe disse: “Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer” (Atos 9:6). E Deus deu a Ananias a responsabilidade de guiar o arrependido Saulo no caminho da justiça.

O anjo que apareceu a Cornélio, não lhe revelou toda a história da cruz. Antes, ordenou-lhe: “Manda chamar a Pedro... ele te dirá o que deves fazer” (Atos 10:6).

“O anjo enviado a Filipe poderia ter êle próprio feito a obra pelo etíope, mas esta não é a maneira de Deus agir. É Seu plano que os homens trabalhem por seus semelhantes.” — Atos dos Apóstolos, pág. 109. (Grifo nosso.)

Para a realização dos Seus desígnios Deus sempre buscou um homem.

Êle procurou um homem para libertar o Seu povo, organizá-lo em nação, dar-lhe leis e guiá-lo até a terra prometida — e encontrou a Moisés.

Êle procurou um homem para levar as luzes do evangelho ao mundo narcotizado pela filosofia do paganismo — e encontrou a Paulo, o audaz legionário da cruz.

Êle procurou um homem para restaurar as obras das missões — e encontrou Guilherme Carey, um dos maiores milagres de Deus em toda a História.

Poderíamos, acaso, imaginar a extraordinária obra da Reforma sem Lutero e Calvino? Poderíamos, porventura, conceber o grande reavivamento do século XVIII, sem João Wesley, Carlos Wesley e Whitefield? E as vibrantes cruzadas de Finney e Moody não estão inseparavelmente associadas a êsses consagrados evangelistas?

Evidentemente, Deus reservou ao homem o incomparável privilégio de tomar com uma de suas mãos a Divindade e com a outra a alma perdida, completando assim a obra da reconciliação.

O Dr. Gordon imaginou a seguinte conversação entre o anjo Gabriel e Jesus, imediatamente após a ascensão:

“Mestre — perguntou Gabriel — morreste por todo o mundo, não é verdade?”

“Sim — responde Jesus.

“Deves ter sofrido muito.

“Sim.

“Todos no mundo sabem disso?”

“Oh, não, somente uns poucos, na Palestina, o sabem.

“Mestre, qual o Teu plano para fazer o mundo perdido saber que morreste por êle?”

“Bem, Eu pedi a Tiago, André e alguns outros ali para se ocuparem em proclamá-lo a outros, e êstes a outros, e assim por diante, até que o último homem da Terra tenha ouvido a história e sentido o seu poder.

“Suponhamos — replicou Gabriel — que Pedro e João fracassem. Suponhamos ainda que seus descendentes, seus sucessores, lá pelo princípio do século XX, se tornem tão ocupados com muitas coisas e se apressem a fazer um amplo noticiário, procurando o aplauso público, que deixem de falar durante todo o tempo, e esqueçam de narrar a história tal qual ouviram. Que há de acontecer, então?”

“Gabriel — respondeu Jesus com um tom de tristeza. Não tenho outro plano; estou dependendo dêles, exclusivamente.” — A. E. Prince — Cristo é Tudo, pág. 41.

A “indústria do ócio” que agora ameaça o mundo como conseqüência da automatização, jamais terá a sua incidência entre aqueles que foram chamados por Deus para a obra do ministério, pois o Senhor não finalizará a Sua obra, sem a cooperação dos agentes humanos.

Escreveu a Sr^a. White: “Por intermédio de homens Suas bênçãos devem ser transmitidas ao mundo. Por meio dêles Sua glória deve brilhar em meio às trevas do pecado. Em amável ministério devem ir ao encontro do necessitado e do pecador e guiá-los à cruz.” — Atos dos Apóstolos, pág. 330. (Grifo nosso.)

Os cérebros eletrônicos poderão substituir o homem em inúmeras atividades e realizações. Porém, jamais serão capazes de substituir o homem, coobreiro de Deus na salvação dos perdidos.

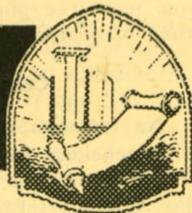
Cumpra que o Pregador

Faça distinção entre preconceito e princípio.
Não receba remuneração sem trabalho.
Não confunda movimento com progresso.
Distinga entre fé e superstição.
Não confunda conhecimento com caráter.

Não incentive adoração sem sacrifício.
Não confunda sentimentalismo com espiritualidade.
Não confunda solilóquio com oração.
Não misture presunção com fé.
Seja uma voz e não um eco.

— C. B. MILLER.

ARTIGOS GERAIS



Considerações Sobre os Comentários de Walter Martin Acerca do Sábado e o Dia do Senhor - III

RICARDO HAMMILL

Secretário Associado do Departamento de Educação da Associação Geral



NO início da outra seção do livro de Walter Martin, é-nos dito o seguinte: "Em mais de um lugar, o Nôvo Testamento comenta desfavoravelmente sobre a prática de qualquer tipo de observância legalista de dias," e também que o apóstolo Paulo "declarou que o sábado assim como 'a lei' cumpriu-se na cruz e não era obrigatório aos cristãos." (Página 161.) De boa vontade concordamos que o Nôvo Testamento descredita qualquer forma de legalismo, que definimos como o ato de procurar a pessoa obter a salvação através de seus próprios esforços, ou de tornar-se justa por observar conjuntos de regras ou modelos de ação. Perguntamos, porém: Constitui legalismo o moldar voluntária ou prazerosamente a vida em harmonia com as palavras de Deus em que Ele nos declara como deseja que Seus filhos procedam? Ou é legalismo descansar e prestar culto no dia que o Senhor separou explicitamente em Sua Palavra, para toda a humanidade o santificar?

É significativo notar que a palavra hebraica para lei, *Torah*, provém do verbo que quer dizer "ensinar." Na realidade a lei divina é a instrução divina; é o ensinamento de Deus a Seu povo, concernente a Sua vontade para com eles, e como deseja que ordenem a vida. O Decálogo é o definido ensino e instrução do Senhor para Seu povo, apresentando os princípios diretrizes que devem governar sua existência diária. Tudo o que na Palavra de Deus expressa os ensinamentos divinos para benefício de Seu povo, nesse sentido é lei.

Partes da lei de Deus expressavam Sua vontade para Seu povo durante uma época específica e sob certas condições. Algumas porções do ensino divino perderam o valor ao haver passado o tempo peculiar ao qual Deus as designou. Após a cruz alguns ensinamentos (leis) da Palavra de Deus não eram mais aplicáveis, devido a haver-se tornado realidade o que estavam destinadas a prefigurar. Outras porções das leis divinas instituídas especialmente para a nação judaica, tornaram-se irritas e nulas quando a nação deixou de ser o povo escolhido do Senhor. Entretanto, os grandiosos e eternos princípios do Decálogo e do restante da Bíblia, que expõem o procedimento que Deus espera de Seu povo em todas as épocas, não foram abolidos na cruz, pois representam ainda a vontade divina para a humanidade. Por isso declara o apóstolo Paulo: "Anulamos, pois, a lei, pela fé? Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei." Rom. 3:31.

O Sr. Martin afirma que o sábado como lei cumpriu-se e não é obrigatório aos cristãos. O apóstolo Paulo diz que por meio da fé cristã estabelecemos a lei. Solicitar-nos-ia o autor que crêssemos não ter de dirigir a vida em harmonia com o primeiro mandamento do Decálogo, ou o terceiro, o sexto ou o sétimo? Com certeza ele diria que os cristãos devem viver de acordo com estes princípios duradouros do Decálogo. Quão incoerente é, pois, dizer que embora o cristão deva moldar a vida em harmonia com nove dos mandamentos, o quarto não tem valor e que os cristãos não precisam pô-lo em prática! Como pode alguém dizer isto, se o quarto mandamento é tanto a vontade de Deus como os outros o são? Observar o quarto mandamento não constitui mais legalismo do

que manter-se puro, segundo nos ordena o sétimo mandamento.

Colossenses 2:13-17

Na tentativa de apoiar seu ponto de vista, ele menciona os principais trechos do Novo Testamento, "que no contexto e na luz da análise sintática refutam o conceito sabatista." Já encontramos anteriormente estas alusões ao contexto e à análise sintática, mas depois de as havermos examinado, notamos muito pouca referência às leis da gramática ou do contexto. Consideremos seus argumentos e dediquemos explícita atenção à gramática e ao contexto.

O primeiro dos textos citados é Colossenses 2:13-17. Deparamos então com este comentário: "Primeiro, nós que estávamos mortos temos sido vivificados em Cristo, e foram-nos perdoados todos os nossos pecados e transgressões. Somos livres da condenação da lei em todos os seus aspectos, pois Cristo assumiu nossa condenação na cruz. Como já foi observado, não há duas leis, moral e cerimonial, mas apenas uma lei contendo muitos mandamentos, todos perfeitamente cumpridos na vida e morte do Senhor Jesus Cristo." Esta passagem das Escrituras com certeza diz que Cristo nos perdoou os pecados e que somos livres da condenação da lei em todos os seus aspectos, devido a haver Cristo levado nossa condenação sobre a cruz. Concordamos plena e sinceramente com isto. Mas a cédula que foi cancelada, cuja dívida foi paga e pregada na cruz, é nossa condenação e culpa por haver quebrado a lei de Deus.

Isto é assaz diferente do que dizer que a lei foi pregada na cruz. A lei divina não era prejudicial ao homem; era o pecado do homem e a violação dessa lei que depunham contra ele e precisavam ser removidos. Longe de ser contrária a nós, o apóstolo Paulo declara em Romanos 7:12 que "a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo e bom." No verso 14 ele afirma que a lei é espiritual. Deus a deu para servir de auxílio ao homem, não como algo que batalhava contra ele.

Por que procurar fazer uma separação entre Cristo ou Deus e a lei? A lei teve a sua origem em Deus. Cristo foi o agente da Divindade na transmissão da lei. A lei moral de Deus é uma expressão de Seu próprio caráter. Como pode alguém dizer que a lei é prejudicial ao homem e precisa ser tirada? A função da lei é apontar ao homem errante os seus pecados e imperfeições; é-lhe um guia, indicando a maneira em que Deus deseja que viva. Caso o homem não viva de acordo com a vontade divina expressa na lei, ele é um pecador, caindo sob a condenação da lei. Não é a lei que faz do homem um pecador; ele o é devido a

suas próprias ações, e a lei simplesmente define como Deus deseja que ele proceda.

Cumpra que os cristãos sempre se compenhem de que Cristo teve de morrer na cruz por causa dos pecados da humanidade. Quando uma pessoa transgredir uma lei, a questão não é liquidada revogando a lei, mas por efetuar uma modificação no infrator da lei. A penalidade por sua violação precisa ser paga, e ele tem de ser levado ao ponto de estar disposto a conformar-se com a lei. Parece uma anomalia sugerir o Sr. Walter Martin que a maneira de lidar com o pecado é abolir a lei, que indica a maneira como Deus desejava que o homem vivesse e que traz convicção de pecado à pessoa que a transgredir.

Walter Martin declara que toda a lei foi cumprida pela vida e morte do Senhor Jesus Cristo. É certo que Cristo cumpriu a lei, mas isto não quer dizer que a lei foi abrogada ou anulada; significa que Cristo viveu inteiramente de acordo com a lei. Quando João relutava em batizá-Lo, disse Jesus: "Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça." S. Mat. 3:15. É insensato dizer que cumprir toda a justiça signifique *extinguir ou abrogar a justiça*. Do mesmo modo, cumprindo a lei, Jesus de maneira alguma a aboliu. Ele próprio asseverou: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir." S. Mat. 5:17. Era o objetivo de Jesus observar a lei, e ensinar aos homens como deviam observá-la no espírito que o Pai celestial intencionava.

Como já mencionamos, as porções da lei que tinham que ver com o povo judeu como nação, cessaram com a nação, e as partes que diziam respeito a sacrifícios e ofertas cerimoniais, e que apontavam para o sacrifício de Cristo, não tinham mais significação após Cristo haver vindo. As sombras cerimoniais encontraram sua realidade na pessoa de Jesus. A comparação da passagem sob consideração, com Efésios 2:15, mostra que morrendo na cruz, Cristo pôs fim ao liame da dívida do homem pela transgressão da lei. Esta comparação também mostra que a lei dos mandamentos, na forma de ordenanças, foi abolida nesse mesmo tempo, pois estas ordenanças realizaram sua finalidade de ajudar o povo a compreender que havia uma saída para o seu dilema, e essa saída era através da cruz de Cristo.* Agora que o Redentor chegara, não havia necessidade destas leis particulares que prefiguravam a vinda de Cristo.

* O contexto de Efésios 2:15 demonstra que a inimidade mencionada aí era a "parede de separação" entre os judeus e os gregos devido ao complexo de superioridade e distinção dos judeus, resultante de suas desvirtuadas e falsas interpretações das leis do Velho Testamento. A básica inimidade que nem os judeus nem os gentios reconheceram, era a inimidade do homem para com Deus (Efés. 2:16). Unicamente a morte de Cristo na cruz podia remover essa inimidade.

A cruz causou completa transição do judaísmo para o cristianismo. O judaísmo com seu complicado sistema de sacrifícios e ritos cerimoniais estava no fim. Além disso, a condenação legal de toda a raça foi obliterada. A vinda de Cristo como Salvador para ser portador dos pecados do povo fizera-se absolutamente necessária, não pela lei, mas pela transgressão da lei. Homens e mulheres, reconhecendo sua inaptidão para guardar a lei como desejavam e deviam fazer, aguardaram a chegada de um Libertador por cujo exemplo e pelo poder do Seu Espírito, eles seriam capazes de viver da maneira como Deus intencionava que fizessem. Agora que seu liame de obrigação fôra removido e pregado na cruz, e as leis especiais que tinham que ver com a nação judaica e as que prefiguravam a obra redentora do Messias estavam para acabar, deviam eles confiar em Cristo pela fé, não somente para perdão dos pecados passados mas também para obter forças a fim de levar uma nova vida. Nesta nova vida cumpria-lhes servir a seu Senhor em novidade de espírito e não na velhice da letra; contudo, podiam dizer com o apóstolo Paulo: "Anulamos, pois, a lei, pela fé? Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei." Rom. 3:31.

Por Sua morte Cristo triunfou sobre Satanás e seus anjos. Proveu um meio de escape para os homens. Na nova dispensação os cristãos deviam resistir aos falsos mestres que insistissem que o sistema cerimonial judaico ainda lhes era obrigatório. As ofertas de comidas e bebidas do sistema sacrificial, os vários dias santos, como a Páscoa, a Festa dos Pães Asmos, o Pentecostes, o Dia da Expição, a Festa dos Tabernáculos, as festividades da Lua nova e os sábados anuais, todos os quais eram sombras que apontavam para a vinda de Cristo, não eram mais obrigatórios aos cristãos. Ademais, os cristãos não deviam ser transviados pelos instrutores gnósticos que visitavam as igrejas de Colossos, Éfeso e de muitos outros lugares, recomendando com insistência regras austeras aos crentes, no tocante ao comer e ao beber. Os cristãos eram pessoas perdoadas, e daí em diante deviam moldar a vida segundo o exemplo de Cristo e em harmonia com os claros ensinamentos das Escrituras Sagradas.

A chave para Colossenses 2:14-16 é a frase: "Porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo" (verso 17). A alegação de Martin, no entanto, é que o sábado semanal do sétimo dia está incluído na sombra das coisas que haviam de vir. Sem dúvida ele não pode apontar para qualquer construção contextual ou gramatical que justifique sua asserção. O sábado do sétimo dia era um memorial do poder criador de Deus, apontando para Cristo no passado, não no futuro. Da mesma forma, os outros nove

mandamentos do Decálogo de maneira alguma contêm quaisquer 'sombras' que apontam para Cristo no futuro. São princípios duradouros, expondo o modo como Deus quer que Seu povo viva. No esforço, porém, de provar que o sábado do Decálogo está incluído nos ritos que não são mais impostos aos cristãos, Walter Martin cita vários comentaristas que sustentam ser conveniente traduzir no singular a palavra "sábados" de Colossenses 2:16. A realidade da questão é que no grego este vocábulo está no plural, *sabbaton*, sendo que a forma nominativa é *sabbata*. Admitimos o fato de que a palavra aramaica para sábado no singular era pronunciada *schabbatha* e que muitos dos escritores do Novo Testamento, cuja língua materna era o aramaico, usavam esta forma da palavra para se referirem ao sábado no singular. Não queremos negar isto, mas simplesmente reiterar o fato gramatical de que em Colossenses 2:16 o vocábulo se encontra no plural e que Walter Martin não pode apresentar nenhuma razão gramatical por que esta palavra não deva ser traduzida por "sábados," segundo

Os Sete Pecados Modernos

Diplomacia sem princípios.

Prazeres sem consciência.

Riqueza sem trabalho.

Conhecimento sem caráter.

Diligência sem moralidade.

Ciência sem humanidade.

Culto sem sacrifício.

— *Cônego Frederico Donaldson*
Westminster Abbey

aparece nas principais versões. Só é possível decidir esta questão pelo contexto, principalmente pela frase sobre que se baseia toda a interpretação desta passagem: "Que são sombras das coisas futuras" (Trad. de Almeida, clássica). No grego a palavra *que* está no plural, concordando com o plural "sábados." Contudo, a decisão final fundamenta-se neste fato — que os sábados anuais do sistema judaico eram sombras das coisas por vir, mas que o sábado semanal do sétimo dia de modo nenhum era sombra das coisas futuras, e por conseguinte não pode ser incluído na declaração de Paulo. É por esta razão que salientamos ser o propósito do apóstolo empregar a palavra no plural. Walter Martin afirma que "a erudição moderna e conservadora estabelece a tradução singular de 'sábado.'" A realidade é que a erudição não estabelece a tradução singular, mas mera-

mente que ela poderia ser tanto singular como plural. Todavia, o contexto demonstra que a palavra não poderia estar no singular.

Finalmente, Martin resume seu argumento declarando que em Números 28 e 29, onde são mencionadas as ofertas de comidas e bebidas a que se faz alusão em Colossenses 2:16 e 17, é incluído o sábado do sétimo dia. A análise desta passagem revela apenas que é incluída a descrição das ofertas de manjares e bebidas que eram efetuadas no sábado, bem como as ofertas nos sábados anuais ou dias de descanso. Isto podia ser esperado na menção detalhada das ofertas de manjares e de bebidas, mas não indica absolutamente que o sábado semanal fôsse uma sombra apontando para a obra do Messias vindouro, como sucedia com êsses numerosos sacrifícios e ofertas descritos nos dois capítulos. (Ver a página 14 do livro de Martin para uma declaração adicional sobre Números 28 e 29.)

O autor conclui seu argumento com esta afirmação: "Visto que estas ofertas e festividades se dissiparam como a sombra (*skia*), cumpridas na substância (*soma*) da cruz de Cristo, como pode ser conservado o sábado do sétimo dia? A luz deste trecho apenas, o autor afirma que o argumento da observância do sábado se desfaz, permanecendo o cristão sob 'a lei perfeita da liberdade,' que o capacita a cumprir 'a justiça da lei' pelo imperativo do amor." (Página 166.)

Estamos perplexos para compreender como nosso amigo Walter Martin poderia com seriedade redigir semelhante declaração. Em primeiro lugar, êle não provou de maneira alguma que o sábado do sétimo dia era sombra das coisas futuras, ou que êle de alguma forma apontasse para a vinda do Messias. As Escrituras declaram enfaticamente que o sábado do sétimo dia é um memorial da Criação, e que em vez de apontar para a cruz, êle aponta para o ato criador de Deus no passado, fazendo a Terra em seis dias; e portanto Deus solicitou que a humanidade observasse o sétimo dia como período de descanso e adoração, dedicado ao Criador de nossa existência e de tudo o que desfrutamos. Perguntamos: Há alguma coisa na cruz que exigiria fôsse abolido o sábado do sétimo dia?

O autor assevera que o argumento da observância do sábado se desfaz, permanecendo o cristão sob a perfeita lei da liberdade, que o capacita a cumprir a justiça da lei pelo imperativo do amor. Não nos é possível ver qualquer lógica neste raciocínio. Também cremos que o observador do sábado se encontra sob a perfeita lei da liberdade e que a graça de Cristo o capacita a cumprir a justiça da lei, não por qualquer esforço para merecer o Céu por

suas próprias obras, mas pelo cabal imperativo do amor. Não existe valor algum na afirmação de que o imperativo do amor exigiria a supressão do sábado, nem tampouco em que o imperativo do amor exigiria que a pessoa não honrasse mais o pai e a mãe, ou que o imperativo do amor conferisse aos homens a liberdade de roubar, mentir ou cometer adultério. Deus quer que todos os Seus filhos considerem Sua lei como a lei da liberdade, e compreendam que não se encontram sob um jugo de servidão ao observá-la, mas que devem cumprir a correta maneira de viver descrita na lei, por amor a seu Criador. Ficamos admirados de que alguém pudesse declarar seriamente que o imperativo do amor ou a lei da liberdade exigisse que observássemos nove dos mandamentos, mas que o quarto mandamento, incorporado no centro do Decálogo, devesse ser rejeitado.

Gálatas 4:9-11

Achamos que teria sido bom se Walter Martin houvesse examinado o contexto dessa passagem, como êle tantas vezes aconselha os adventistas a fazer. Mesmo uma leitura apressada do livro de Gálatas revela que o apóstolo Paulo escreveu esta epístola em razão de os membros das igrejas da Galácia, sob a influência de certos mestres judaizantes, pensarem que poderiam obter aceitação e justificação diante de Deus por cumprirem as obras e minúcias do judaísmo (Gál. 2:16; 3:1-6). O apóstolo afirma explicitamente que ninguém pode ser justificado e salvo por suas próprias ações, mas que a salvação se manifesta como dom gratuito de Cristo. Muitos dos judeus achavam poder pelos próprios esforços guardar as leis de Deus, e toda a sua religião consistia em observâncias legalísticas. Paulo declara que as violações da lei por parte do homem, colocaram-no debaixo da condenação, e que era necessário Cristo morrer a fim de pagar o débito de nossas transgressões. Um dos objetivos da lei é mostrar aos homens suas deficiências e convencê-los de que não viveram como o Senhor desejava que fizessem. Nesse sentido, a lei torna as pessoas cônscias da necessidade que têm de um Salvador, para liquidar a dívida de seus pecados e auxiliá-las a viver segundo a vontade divina (Gál. 3:23-25).

Ademais — e isto é o ponto crucial do argumento para a passagem em apreço — o apóstolo explica que certas partes da própria lei apontavam para Cristo e sua morte vicária para pagar pelas transgressões dos que desde o pecado de Adão se rebelaram contra Deus. Paulo salienta que em virtude de haver vindo o Salvador, as porções da lei divina designadas a servir como instrumentos de ensino para dirigir a atenção dos homens à vinda de Cristo, havendo

agora completado sua função, não têm mais parte alguma na dispensação cristã. O apóstolo dá ênfase a haver ensinado tôdas estas coisas aos gálatas. E admira-se de que se deixassem seduzir, de modo que após iniciarem sua peregrinação espiritual pela fé em Cristo, e por confiarem no poder do Espírito Santo, aceitassem agora os ensinamentos dos legalistas judeus, com o sentido de que os homens podiam fazer-se aceitáveis a Deus por suas observâncias da lei, e que todos os elementos do sistema sacrificial ainda estavam em vigor.

Dentro deste contexto, pergunta o apóstolo aos gálatas: "Agora, que conheceis a Deus, ou antes sendo conhecidos por Deus, como estais voltando outra vez aos rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis ainda escravizar-vos? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco." Era como se dissesse: "Agora que Cristo veio, ainda continuais a insistir em observar os feriados judaicos, como a Festa dos Tabernáculos, a Festa dos Pães Asmos etc., cuja finalidade era apontar para Cristo? Cristo veio, e estes indicadores e prenunciadores do Messias que foram de utilidade para as pessoas em séculos passados, não têm absolutamente significado ou relevância para os cristãos!" Nossa vida consiste na fé, pela qual confiamos em Cristo, como nosso divino Substituto, para perdão dos pecados e para encontrar força e poder, mediante Seu Espírito Santo, a fim de observar Suas eternas leis morais. Observamos essas perpétuas leis morais não co-

mo quaisquer meios de obter nossa salvação, mas porque, sendo salvos unicamente pela graça, amamos nosso Senhor e desejamos viver em harmonia com Sua vontade para nossa vida. Esta, diz êle, é a liberdade da fé cristã. E não ousamos submeter-nos servilmente a um sistema obsoleto, mas antes permanecer "firmes na liberdade com que Cristo nos libertou," e não tornar a colocar-nos "debaixo do jugo da servidão" (Gál. 5:1).

A despeito deste claro desígnio do livro de Gálatas, Walter Martin mais uma vez procura demonstrar que os cristãos não têm necessidade de observar o sábado do sétimo dia, mesmo que observem os outros nove mandamentos. Após haver deixado de considerar o amplo objetivo do livro de Gálatas, êle nos acusa, ao examinar esta passagem, de ignorar "a gramática, o contexto e a comparativa análise textual." Diz êle, além disso: "Para concretizar sua interpretação das declarações de Paulo, êles não fazem *exegese* (explicação correta), mas *eisegesis* (extrair um sentido não explícito) dos textos." Já examinamos as declarações de Paulo em Gálatas, e verificamos que a posição adventista está em plena harmonia com o contexto e a análise fidedigna do livro de Gálatas.

É afirmado ainda que a tradução de Números 28 e 29 pela Versão dos Setenta, refuta nossa doutrina do sábado. Examinamos cuidadosamente estes capítulos nessa Versão, e admiramo-nos de que nosso amigo Martin não especificasse os pontos a que se re-

Gemas do Pensamento

Jamais a alma humana se mostra tão forte e nobre como ao omitir a desforra e ousar perdoar a injúria. — E. H. CHAPIN.

Todos os homens, se não trabalharem como estando sob o olhar do grande Mestre, labutarão mal e de modo desastroso para si mesmos e para vós. — CARLYLE.

Deus é fiel pagador. Poderá ser que não pague no fim de cada semana, mês ou ano, mas lembrai-vos de que Êle paga no final. — ANA DA ÁUSTRIA.

A paz não habita em coisas exteriores, mas no íntimo da alma; podemos preservá-la em meio à mais amarga dor, caso nossa vontade permaneça firme e submissa. A paz nesta vida resulta da aquiescência, não da isenção ao sofrimento. — FENELON.

Quem deseja assegurar o bem dos outros já assegurou o seu próprio bem. — CONFÚCIO.

feriu. Recorre novamente a suas declarações gerais e impetuosas, sem usar provas, e procura convencer os leitores por suas francas asserções de que êle está certo.

A minuciosa examinação de Números 28 e 29, tanto no hebraico como na Versão dos Setenta, demonstra que aí são mencionados pormenorizadamente os vários sacrifícios que deviam ser oferecidos no santuário em diversas ocasiões durante o ano. Primeiro são descritos os holocaustos diários, e é feita a declaração de que no sétimo dia a oferta diária de cordeiros era dobrada. Isto fazia parte dos regulamentos do santuário, e nada tinha que ver com a questão de deverem ou não os cristãos observar o sábado semanal. O sábado do sétimo dia foi instituído na Criação e foi observado durante séculos antes de ser estabelecido o ritual do santuário como provisão temporária, dirigindo a atenção do povo para o futuro, à vinda do Cordeiro de Deus que morreria para fazer expiação pelos pecados dêles. É completamente irrelevante apresentar êste argumento da maneira como o faz o Sr. Martin, dizendo que desconhecemos a gramática e a comparativa análise textual. Investigando o restante dêstes dois capítulos, encontramos descrições adicionais das ofertas que deviam ser feitas por ocasião da Lua nova, nos sábados anuais e nas diversas festas cerimoniais. Nenhuma outra menção é feita do sábado do sétimo dia. Evidentemente o Sr. Martin julgou haver outras referências ao sábado do sétimo dia nestes dois capítulos, como em Números 28:15 e 29:32. Se êle olhasse para o contexto, verificaria que a alusão ao "sétimo dia" nestas passagens diz respeito ao sétimo dia da Festa dos Pães Asmos e ao sétimo dia da Festa dos Tabernáculos. Ambos eram sábados anuais e podiam cair em qualquer dia da semana. As santas convocações realizadas nada têm que ver com o sábado do sétimo dia. Eram precisamente os dias, meses, tempos e anos a que o apóstolo aludiu em Gálatas 4:10. O estudo dêstes dias de festa revelará que sua finalidade era apontar para a vinda de Cristo, e que após Cristo haver vindo não tinham mais utilidade alguma. Eram leis transitórias designadas a servir de ensino às pessoas que viveram antes da chegada do Messias. Agora não fazem parte da vontade de Deus para com Seu povo.

Destarte a acusação de que nossa exegese é inexata, cai completamente por terra. Não ignoramos a gramática, o contexto ou a análise comparativa. Desejamos salientar afável mas enfaticamente que foi o Sr. Martin que desconsiderou o contexto e a análise comparativa. Com efeito, êle faz o apóstolo Paulo contradizer a si mesmo em I Coríntios 7:19, onde o apóstolo afirma que a circuncisão também fazia parte do judaísmo e que não tem importân-

cia para os cristãos, no que diz respeito à religião. Diz o apóstolo: "A circuncisão é nada e a incircuncisão nada é, mas sim a observância dos mandamentos de Deus." O grande apóstolo não viu contradição alguma em cumprir os mandamentos divinos por amor e devoção a Deus. Assiduamente ensinou ao povo que em razão de Jesus haver vindo, deviam êles abandonar, como formas antiquadas que preencheram sua finalidade, essas leis cerimoniais do Velho Testamento; mas acentuou que as leis divinas, descrevendo a maneira em que o Senhor deseja que Seus filhos vivam, foram estabelecidas e reforçadas pela fé que temos em Cristo (Rom. 3:31). Dizendo aos crentes de Corinto que a circuncisão nada era, mas que a questão de real valor era a observância dos mandamentos de Deus, concordou êle plenamente com o nosso Salvador, o qual afirmou a Seus ouvintes: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a Terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra. Aquêle, pois, que violar um dêstes mandamentos, pôsto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos Céus; aquêle, porém, que os observar e ensinar, êsse será considerado grande no reino dos Céus." Nossa posição é coerente, devido a concordar com as outras afirmações do apóstolo Paulo e com os ensinamentos de nosso Senhor.

Martin conclui suas considerações sobre Gálatas 4, afirmando que os adventistas do sétimo dia "não compreendem que ao procurar impor a observância do sábado aos outros membros do Corpo de Cristo, incorrem no grave risco de transgredir o evangelho da graça." Gostaríamos de perguntar ao nosso amigo Walter Martin se quando persuadimos as pessoas a não cometer adultério, que é o sétimo mandamento do Decálogo, e quando instamos com elas para não roubar, que é o oitavo mandamento, estamos também transgredindo o evangelho da graça e tornando legalistas essas pessoas? Indubitavelmente êle responderia que não. Não conseguimos entender, pois, como ao ensinar o quarto mandamento estejamos transgredindo o evangelho da graça ou tornando legalistas aqueles que instruímos.

Walter Martin declara que devemos guardar na memória que a lei em sua conotação mais ampla inclui o Pentateuco. Isto é certo; em sua significação mais ampla ela também inclui todo o Velho Testamento, pois o próprio Paulo cita o livro de Isaías e se refere a êle como lei. (Ver I Coríntios 14:21 e Isaías 28:11.) Martin prossegue dizendo que o individuo está "debaixo da lei" quando se esforça por observar

(Continua na pág. 22)

Suposta Influência Exterior Sobre E. G. White

H. W. LOWE

Secretário na Associação Geral



NA página 105 de seu livro, *The Truth About Seventh-day Adventism*, declara Walter Martin: “A segunda e extremamente séria acusação contra a Sr^a White . . . diz respeito a sua inspiração. A alegação é que às

vêzes ela se encontrava sob influências outras que não o Espírito de Deus, as quais afetaram fortemente alguns de seus ‘Testemunhos’.”

Estas “influências,” diz êle, não eram demoníacas, mas a influência humana de certas “pessoas mais velhas” e dotadas de inteligência vigorosa, “que a rodeavam.” Êle então escolhe o específico exemplo da fundação do Instituto Battle Creek de Reforma de Saúde, e procura demonstrar “sua falibilidade e a ineficácia de tentarem os adventistas defender como divinamente inspirado, tudo o que ela escreveu, segundo alguns têm sido propensos a fazer” (página 108).

Podemos rejeitar qualquer pretensão implícita de infalibilidade, em parte porque o próprio Martin admite que somente “alguns” adventistas a têm feito, mas principalmente devido a não haver esta denominação alegado infalibilidade para a Sr^a White. Walter Martin reconhece a falsidade da acusação de infalibilidade (págs. 112 e 113). Quanto a isso, seria fácil provar que os inspirados profetas e apóstolos da Bíblia não eram infalíveis (ver II Samuel 7:3-5; Gál. 2:11). Entretanto, é propalada agora suposta refutação de que ela fôsse inspirada, e devemos examiná-la. Os leitores fariam bem em ler o capítulo “Uma Posição Intermediária Quanto à Inspiração,” do livro *Ellen G. White and Her Critics*, escrito por F. D. Nichol.

Os eventos abrangidos por essa acusação, ocorreram entre 1865 e 1867. Ao tirarmos conclusões e fazermos sérias acusações pessoais baseados em eventos que sucederam quase cem anos atrás, devemos estar certos de compreender o mais claramente possível as circunstâncias em que viveram as pessoas envolvidas.

Os Anos da Guerra Civil

A trágica Guerra de Secessão causou proble-

mas para os adventistas, especialmente no inverno de 1864-65. Numerosos pedidos de homens para o exército, finalmente induziram o presidente Lincoln a convocar mais 300.000, com a condição de que qualquer falta de voluntários seria reparada por um recrutamento em 1865.

Os adventistas do sétimo dia acharam muito difícil harmonizar a vida no exército com as suas convicções religiosas (ver *Testimonies*, Vol. 1, pág. 361). O pastor Tiago White ficou alquebrado de ajudar pessoas em dificuldade e angariar dinheiro para comprar bônus compulsórios, mediante os quais os homens eram isentados do serviço militar, além de seus outros deveres penosos. Viajar constantemente sob as árduas condições daqueles tempos conduziu-o a completo esgotamento, e na manhã de 16 de agosto de 1865 êle sofreu um ataque de paralisia. Seguiu-se a prostração nervosa, e “médicos assistentes declararam que a não ser que fôsse operado um milagre em seu favor, êle jamais recuperaria seu vigor físico ou mental.” — D. E. ROBINSON, *The Story of Our Health Message*, pág. 134.

Dois outros intrépidos líderes da pequena comunidade adventista adoeceram nesse tempo — J. N. Loughborough e Uriah Smith. Todos os três, com a Sr^a White, mudaram-se o mais depressa possível para uma instituição particular, “Our Home,” em Dansville, Nova York, colocando-se sob os hábeis cuidados de certo Dr. Jackson. Isto privou os adventistas de seu líder financeiro na pessoa de Tiago White; seu redator, Uriah Smith; e um vigoroso patrocinador, em J. N. Loughborough.

O Instituto de Saúde

Em 25 de dezembro de 1865, a Sr^a White teve uma visão em Rochester, da qual extraímos esta citação oportuna:

“Foi-me mostrado que devemos providenciar um lar para os aflitos e os que desejam aprender como cuidar de seu corpo, a fim de evitarem a enfermidade.” — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 489.

A visão completa está registada em *Testimonies*, Vol. 1, págs. 485-495. De modo geral, ela deu forma visual ao estabelecimento de uma instituição de saúde “dêles próprios,” e o de-

envolvimento da obra médica pelos adventistas do sétimo dia como parte regular de suas atividades. Não pode haver dúvida de que em resultado de seguir êste e subseqüentes conselhos sôbre o assunto, a obra médica e de saúde desta denominação tem crescido a ponto de hoje dirigir 221 hospitais e clínicas, empregar 11.557 médicos, enfermeiras e outros obreiros, não mencionando grande número de instituições particulares através do mundo todo.

"Ninguém poderia haver previsto, naquele dia de coisas pequenas, a que grandes empreendimentos e esforços conduziria a instrução dada na visão de 25 de dezembro de 1865." — *The Story of Our Health Message*, pág. 142.

A Situação em 1865-66

Em aditamento aos transtornos de saúde já mencionados, entre a deploravelmente pequena força ministerial operante, João Bostwick, de Minnesota, faleceu, e D. T. Bourdeau, A. S. Hutchins, J. B. Frisbie e João Byington estavam incapacitados devido ao péssimo estado de saúde durante o ano que terminou na primavera de 1866.

A visão de 1865 foi apresentada em essência à terceira assembléia da Associação Geral em 1866 (quatro meses após ser recebida), mas não foi escrita antes de 1867. Em setembro de 1866, cinco acres de terra, contendo uma boa casa, foram adquiridos em Battle Creek, Michigan. Poucas semanas depois, foram comprados mais dois acres contíguos, bem como uma casa pequena, e completadas algumas reconstruções. Manifestou-se notável entusiasmo, e a instituição foi inaugurada. Inicialmente, tudo parecia próspero, mas logo se tornou evidente que a situação financeira do estabelecimento não era boa.

O pastor Tiago White, descrito acima como o cérebro administrativo entre os dirigentes, infelizmente se achava ausente. Nestas circunstâncias os homens responsáveis grandemente desejaram que a visão da Sr^a White em 1865, que ainda não havia sido publicada, fôsse usada para incentivar a liberalidade para com a pequena instituição.

"Alguns dos dirigentes em Battle Creek instaram com a Sr^a. White para que escrevesse a revelação que lhe fôra dada em 25 de dezembro de 1865, no tocante... a um instituto de reforma de saúde. Naturalmente, cogitou-se que a imediata publicação desta visão contribuiria consideravelmente para angariar fundos necessários para o Instituto. Ela atendeu ao pedido, escrevendo parte daquela revelação, e isto foi incluído como um capítulo para o Testemunho N^o. 11, recebendo o título "A Reforma de Saúde." Este foi publicado em janeiro de 1867." — F. D. Nichol, *Ellen G. White and Her Critics*, pág. 497.

De ocorrências posteriores, evidencia-se que a Sr^a White publicou esta parte do Testemunho N^o. 11, com relutância e sob grandes pressões.

O testemunho da Sr^a White deu notável impulso à obra, e dentro em pouco E. S. Walker, o secretário, e alguns associados estavam promo-

vendo um nôvo "grande edifício," e produziu-se a impressão de que a Sr^a White sancionava ambiciosas ampliações. Finalmente em agosto de 1867, menos de um ano após a abertura da instituição, os fundos estavam esgotados. Tiago White, embora ausente de Battle Creek durante a maior parte de 1867, apoiou o testemunho da Sr^a White mas não viu justificativa nêle para inexperiente liderança lançar-se em entusiástica, mas excessivamente ambiciosa expansão, nesse tempo em que as finanças eram precárias.

Então a Sr^a White publicou o Testemunho N^o. 12, no qual disse o seguinte:

"Foi-me mostrado... que deveríamos ter semelhante instituição, pequena em seu início, e aumentada cautelosamente, à medida que fôsse possível conseguir bons médicos e auxiliares... E havendo eu visto as amplas estimativas apressadamente incentivadas por aquêles que têm tomado parte na direção da obra, fiquei alarmada, e em muitas conversações particulares e cartas tenho admoestado êsses irmãos a agirem com cautela." — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 558.

A Sr^a White expõe então os motivos dessa cautela — dificuldade em obter médicos competentes e a falta de recursos e pacientes para completar uma instituição grande, com resultante "desencorajamento geral." Houvera muitas falências de instituições de saúde nos Estados Unidos durante os vinte e cinco anos anteriores.

Em tais circunstâncias, não é de surpreender que fôssem tomadas medidas drásticas, em grande parte sob a insistência do pastor White. A construção parou, e determinada estrutura foi demolida. O valor desta obra tem sido avaliado diferentemente por certos críticos, desde 4.000 a 11.000 dólares. (Ver *Ellen G. White and Her Critics*, pág. 498.)

Confissão da Sr^a. White

Tornando a aludir à relutância da Sr^a White em escrever parte do Testemunho N^o. 11, citamos aqui suas próprias palavras:

"Isto constituía grande aflição para mim, porquanto sabia não me ser possível escrever tudo o que vira, pois estava então falando ao povo seis ou oito vêzes por semana, realizando visitas de casa em casa e escrevendo centenas de páginas de testemunhos pessoais e cartas particulares. Este acúmulo de trabalho, com desnecessários encargos e aflições lançados sôbre mim, incapacitavam-me para tôda e qualquer tarefa. Minha saúde era precária, e meus sofrimentos mentais eram indescritíveis. Sob estas circunstâncias, submeti meu julgamento ao de outros e escrevi o que apareceu no N^o. 11 com respeito ao Instituto de Saúde, sendo então incapaz de transmitir tudo o que vira. Nisto errei." — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 563. (Grifo nosso.)

Em vista de ocorrências posteriores, ela admitiu:

"O que apareceu no Testemunho N^o. 11, concernente ao Instituto de Saúde, não deveria ter sido transmitido antes que eu fôsse capaz de escrever tudo o que vira a respeito dêle." — *Ibidem*.

Esta é uma franca confissão de falibilidade humana em ações que ela não pretendeu haverem sido realizadas sob ordens diretas de

Deus. Não obstante a crítica de que estava ciente no tocante a êste assunto, afirmou ela:

"Não desejo retirar nem uma sentença que escrevi ou profeti." — *Idem*, pág. 559.

O que a Sr^a White queria indicar ao dizer "foi-me mostrado," era, como F. D. Nichol mostrou claramente no livro *Ellen G. White and Her Critics*, tôda a revelação do plano para estabelecer a instituição de saúde. O que ela pretendia dizer com a frase "eu errei," certamente deve ter sido sua ação humana em escrever sòmente parte do Testemunho N^o. 11, em vez de divulgar a visão tôda. Sua asserção básica não estava errada, e ela em parte alguma desmente sua posição original.

"O que apareceu no Testemunho N^o. 11, concernente ao Instituto de Saúde, não deveria ter sido transmitido antes que eu fosse capaz de escrever tudo o que vira a respeito dêle." (Grifo nosso.)

Quanto a se a influência dominante neste caso do instituto de saúde foi a forte vontade do pastor White, segundo sugere Martin, ou a inspiração que a Sr^a White pretendia haver recebido de Deus, temos uma carta de Ellen G. White, escrita em 1903, da qual citamos estas palavras:

"Tenho estado pensando sôbre como, após começarmos a obra do sanatório em Battle Creek, foram-me mostrados em visão os edifícios completamente prontos para serem utilizados. O Senhor instruiu-me quanto à maneira em que deveria ser conduzida a obra nestes edifícios a fim de exercer influência salvadora sôbre os pacientes.

"Tudo isto pareceu muito real para mim, mas ao acordar descobri que a obra ainda estava por fazer, que não havia edifícios erigidos.

"Noutra ocasião foi-me mostrado um grande prédio sendo levantado no local em que posteriormente foi edificado o Sanatório Battle Creek. Os irmãos achavam-se em grande perplexidade quanto a quem deveria assumir a direção do empreendimento. Eu chorava amargamente. Alguém de autoridade levantou-se entre nós e disse: 'Ainda não. Não estais em condições de inverter fundos neste edifício, ou de planejar sua administração futura.'

"Nesse tempo fôra lançado o fundamento do Sanatório. Precisávamos, porém, aprender a lição da espera." — *Messenger to the Remnant*, págs. 10 e 11.

Êste é o relato da Sr^a White, feito anos mais tarde, a respeito da fonte de seus conselhos sôbre esta questão. Todavia, nosso amigo Martin quer levar-nos a rejeitar as palavras que ela escreveu perto do fim de sua vida, e a crer que Tiago White e "a facção de Battle Creek" fizeram "a Sr^a White contradizer-se em sucessivos Testemunhos" (página 110).

Inspiração e Falibilidade

Quando o inspirado apóstolo Paulo pregava "o evangelho da incircuncisão" e o inspirado apóstolo Pedro "o evangelho da circuncisão," um dêles estava certo e o outro errado. Pedro associou-se corretamente com os gentios, mas afastou-se indevidamente ao chegarem os dirigentes de Jerusalém (ver Atos 10:28). Do encontro posterior que tiveram em Antioquia, diz Paulo: "Resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível." Gál. 2:11. Reza o *The New Testament in Modern English*, de J. B.

Phillips: "Ele encontrava-se então plenamente em êrro."

Se com reverência pudéssemos sugerir o que Pedro deveria dizer, acaso não seria uma franca confissão nestas palavras: "Eu errei"? Isto não visa a comparar a Sr^a White com um apóstolo, mas constitui clara admissão de que um instrumento escolhido por Deus pode ser inspirado em escrever, ensinar, pregar e exortar, mas humanamente falível no exercício do critério particular. Profetas, apóstolos, santos, mensageiros, necessitam da graça redentora em sua vida diária exatamente da mesma maneira como todo humilde servo de Deus.

Indaga Paulo, em II Coríntios 12:13: "Em que tendes vós sido inferiores às demais igrejas?" O contexto revela que se os coríntios eram compelidos a sentir-se subordinados às outras igrejas, isto ocorria devido a não terem cumprido o dever de sustentar o apóstolo, como fizeram as demais igrejas. Então, com delicadeza, acrescenta êle: "Perdoai-me esta injustiça." Sem dúvida era esta uma forte afirmação para tão ilustre dirigente. É outra ilustração do fato de que uma pessoa pode ser inspirado mensageiro de Deus para a igreja e no entanto achar-se sujeito a fraqueza e falibilidade em certos pormenores da conduta diária.

A mesma verdade é vista no Velho Testamento. Por exemplo, em II Samuel 7:2 e 3, é evidente que Davi expressou ao profeta Natã sua intenção de construir uma casa de culto, em consequência do que "Disse Natã ao rei: Vai, faz tudo quanto está no teu coração; porque o Senhor é contigo." Naquela noite, porém, "veio a palavra do Senhor a Natã," ordenando-lhe ir a Davi com uma mensagem que contradizia plenamente o que o profeta dissera antes. Não Davi, mas seu filho deveria edificar a casa de Deus (versos 5-13). O equívoco de Natã não invalidou seu cargo de profeta.

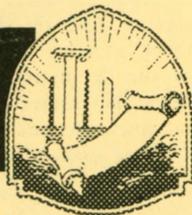
Percebe-se novamente a verdade de que os profetas do Senhor, os homens santos, apóstolos, mestres e mensageiros especiais, através dos séculos, não possuíam presciência divina, exceto no domínio da revelação sobrenatural. No mais eram humanos e falíveis, dependentes da graça redentora. Não devemos tornar a inspiração o que tem sido chamado de "doutrina afetada," exigindo automática infalibilidade tanto na palavra como na vida, senão nos encontraremos em pior condição do que Atenágoras, o apologistas do segundo século, que afirmava serem os escritores do Livro Sagrado usados pelo Espírito Santo "como o flautista assopra na flauta." — *A Plea for the Christians*, cap. IX.

Concordamos com Walter Martin que "ninguém pode contestar o fato de que os escritos dela se harmonizam com os princípios básicos

do Evangelho histórico" (página 113), e que "a Sr^a White foi realmente uma regenerada mulher cristã que amava o Senhor Jesus Cristo e se dedicou sem reservas à tarefa de testemunhar dEle da maneira como se sentiu induzida" (página 112). Além disso, "cremos que seus escritos oferecerão seu próprio teste-

munho aos que estão dispostos a ler e considerar os frutos produzidos por eles durante cem anos" (*Ellen G. White and Her Critics*, pág. 85); que ela foi inspirada para exaltar a Palavra de Deus perante seus ouvintes e leitores, e para conduzir almas sinceras em direção ao caminho eterno.

PESQUISA - Teologia, História, Ciência



Que é a Verdade?

WERNER VYHMEISTER



ESTÁ em plena atividade o julgamento mais discutido da História. O Acusado encontra-Se só, sem advogado defensor. Os acusadores clamam a gritos, exigindo Sua morte. O juiz, pre-

ocupado por manter o equilíbrio, bastante instável, aproxima-se do Acusado em busca de uma informação direta: "Logo Tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz. Perguntou-Lhe Pilatos: Que é a verdade?" S. João 18:37 e 38.

Desde que existe sôbre a Terra, tem o homem buscado a verdade. Não a verdade que parece ser assim hoje, e amanhã se mostra errônea, mas sim a verdade completa, permanente, que satisfaz o anelo humano de ter um ponto de referência estável que oriente seus pensamentos e ações.

A procura da verdade tem sido orientada em muitas direções. Contudo, ela tem sido assaz intensa em três delas: FILOSOFIA, CIÊNCIAS E RELIGIÃO. Detenhamo-nos ligeiramente para examinar o que cada um destes setores do conhecimento humano pode declarar-nos acêrca da verdade.

Filosofia e Verdade

Todo estudante da história da filosofia sur-

preende-se desde o primeiro instante com a grande variedade de sistemas filosóficos. Não podemos falar da filosofia. Há muitas. Etimologicamente, filosofia é "amor (amigo da) à sabedoria," e sabedoria é verdade. Porém, como o próprio vocábulo parece sugerir, muitos a pretendem e ninguém consegue torná-la plenamente sua.

A história da filosofia é a descrição da senda tortuosa e semi-obscura em que o homem tem avançado às apalpadelas em busca da verdade. E hoje, após 25 séculos de história no Ocidente, diante do extraordinário progresso das ciências, constitui motivo de preocupação para filósofos, pelo menos de uma corrente (neopositivistas), comprovar que a filosofia não conseguiu formular verdades concernentes às quais tenhamos a certeza das verdades científicas.

Há verdade na filosofia? Sim, mas é verdade incompleta. Sômente assim se explica que o que um filósofo construiu afanosamente durante tôda a vida, pode ser demolido — total ou parcialmente — por outro que estabelece seu próprio sistema. Parece não haver nada definitivamente estável, permanente, a que o homem desorientado possa apegar-se. Segundo diziam alguns filósofos neopositivistas, "A filosofia é um campo de disputa que se afigura interminável."

E hoje, como manifestação de desorientação e rebeldia do homem diante dessa doutrina que pretendeu ser a essência do saber (e que até foi chamada a "ciência das ciências"), vemos proliferar diversos ramos duma filosofia

que se rebela contra o raciocínio abstrato — que não tem conduzido a soluções permanentes na procura da verdade — e coloca no centro de suas especulações à mais instável das criaturas: o homem e sua existência.

Ciência e Verdade

O notável progresso da ciência nos últimos 150 anos tem deslumbrado a milhões que hoje em dia parecem crer que ela é a essência da verdade. O mundo acredita o que afirmam os “homens de ciência.” Insiste-se em fazer as coisas com “critério científico.” Toda nova ramificação do conhecimento luta por conquistar o cobiçado título de “ciência.”

Entretanto, nesta paixão pelo científico, nem sempre se mantém clara distinção entre *teoria científica* e *verdade científica*.

Há teorias científicas que nunca foram comprovadas, as quais por força de repetição são aceitas como verdades incontestáveis. Um exemplo conhecido é a teoria da evolução. É de surpreender, neste plano, a ousadia com que pretensos homens de ciência fazem afirmações categóricas, baseados somente em uma de duas ou mais interpretações possíveis de certos fenômenos. E estas interpretações, naturalmente, estão impregnadas de convicções políticas, filosóficas ou religiosas, que teoricamente não deveriam influir — mas influem — na ciência. É que a objetividade absoluta dificilmente pode manifestar-se no ser humano.

Além das teorias científicas, há muitos princípios científicos que são aceitos como verdadeiros, mas não demonstrados como tais. São empregados em virtude de serem úteis. Permitem descrever mais ou menos bem uma realidade. São aceitos *como se* fôssem verdadeiros, embora possam ser falsos.

Por outro lado, é necessário lembrar que as leis da ciência em geral — se não sempre — são *descritivas*, não *explicativas*. Descreve-se *como* algo ocorre, mas não se sabe exatamente *por que* ocorre. São descritas, por exemplo, as características de um ser vivo, porém, não se sabe que é a vida.

Não podemos, portanto, aceitar com segurança toda afirmação da ciência, pois pode estar baseada em teorias não comprovadas, ou pode ser verdade incompleta. O horizonte científico em rápida expansão sugere-nos mais uma vez que a verdade em sentido absoluto não está em poder da ciência. Por conseguinte, é reconfortante ouvir a Alberto Einstein, uma das figuras mais destacadas da ciência de nosso século. Diz êle: “Minhas leis são apenas mais aproximadas que as de Newton.”

A verdade em sentido permanente ainda espera ser encontrada pela ciência.

O Problema da Razão

Na mesma base de nossa posição cautelosa ante a filosofia e a ciência — além dos fatos objetivos apresentados — está nossa concepção cristã da razão humana.

A razão é uma faculdade com que Deus dotou o homem. É útil e necessária. Devemos usá-la.¹ É a faculdade mais complexa e perfeita que possuímos — do ponto de vista estritamente humano — para conhecer a verdade no tocante a nós mesmos e ao mundo exterior.

A razão, no entanto, tem as naturais limitações que lhe estabeleceu o Criador. Nicolau Hartmann escreveu corretamente que no âmbito do conhecimento devemos distinguir três planos:

- (1) *Objetivo*: o conhecido
- (2) *Transobjetivo inteligível*: o que podemos chegar a conhecer
- (3) *Transobjetivo ininteligível*: o que a razão jamais poderá conhecer.²

Por sua parte, escreve E. G. White: “É dever e privilégio de todos usar a razão até o ponto em que o permitam as faculdades finitas do homem; há, porém, um limite onde devem deter-se os recursos humanos. Há muitas coisas que jamais poderão ser deduzidas pelo intelecto mais vigoroso ou discernidas pela mente mais penetrante. A filosofia não pode determinar os caminhos e as obras de Deus; a mente humana não pode medir o infinito.

“Jeová é a fonte de toda sabedoria, de toda verdade, de todo conhecimento. Há consecuições elevadas que o homem pode alcançar nesta vida mediante a sabedoria comunicada por Deus; mas há uma infinidade mais além que será objeto de estudo e de alegria dos santos através dos séculos eternos. O homem pode agora apenas estender-se até os limites desta vasta expansão, e deixar voar a imaginação. O homem finito não pode penetrar nas coisas profundas de Deus; pois as coisas espirituais são discernidas espiritualmente. A mente humana não pode entender a sabedoria e o poder de Deus.”³

Enquanto a razão humana, qual helicóptero, levanta penosamente o vôo e se move num âmbito limitado, a revelação divina, qual nave espacial, nos põe em contato com as verdades eternas do universo.

E isto nos leva naturalmente a considerar a

Religião e Verdade

É possível a revelação? Seria irracional negá-la, se admitimos a doutrina bíblica da Criação. Deus, que criou o homem à Sua imagem e semelhança, haveria de comunicar-*Se* também com êle.

Levando em conta o solo variável do princípio da revelação progressiva, podemos afirmar com convicção que as verdades reveladas têm sido e são as únicas que não sofreram alteração com o passar dos séculos e milênios, as únicas âncoras seguras, colunas indestrutíveis, a que o ser humano pode e poderá apegar-se.

E isto nos faz voltar à pergunta inicial: "Que é a verdade?"

Os escritores hebraicos teriam respondido que *emeth* é algo firme, sólido, válido, autêntico.

Os escritores gregos clássicos nos diriam que *alethela* é: não ocultação. É o visto, expressado e indicado como realmente é. O oposto a *pseudo* (engano) ou a *doxa* (aparência ou mera opinião).

Os autores do Novo Testamento nos explicariam que *alethela* é o que tem certeza e força, aquilo em que se pode confiar, o estado real das coisas.

A única verdade que em sentido completo merece esse nome é a que é estável, firme, permanente e expressa o estado real das coisas. É assim somente porque em última instância procede "do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança" (S. Tiago 1:17). Esta verdade é a única que poderá trazer plena segurança ao desorientado ser humano.

De três maneiras diferentes, pelo menos, tem a verdade eterna chegado até nós:

- (1) "... a Tua Palavra é a verdade." S. João 17:17. A verdade explicada por Deus: as Escrituras Sagradas;
- (2) "... a Tua lei é a própria verdade." Sal. 119:142. A verdade como transunto do caráter de Deus: os Dez Mandamentos;
- (3) "Eu sou ... a verdade." S. João 14:6. O princípio e a fonte de toda verdade, Deus mesmo entre os homens: Cristo.

A Verdade vos Libertará

Por que tem o homem lutado tão persistentemente, em procura da verdade? Como que parece que desde o princípio o ser humano houvesse tido intuição daquela realidade enunciada por Cristo: "E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." S. João 8:32.

Que verdade pode libertar? Não é uma verdade incompleta. Não é, por exemplo, a verdade da

a. *Filosofia*. Dois filósofos nos servirão de ilustrações. O primeiro é Jorge Guilherme Frederico Hegel (1770-1831). Seu pensamento tem sido qualificado de "a culminância em sua forma mais vigorosa e madura, de todo o idealismo alemão."⁴ Hegel influiu decisivamente

em Carlos Marx, cristalizador de uma filosofia política maquiavélica, atéia, que hoje mantém em estado de semi-opressão a um terço da população de nosso planeta. E Hegel também foi seguido por Fernando Christian Baur (1792-1860), que desempenhou parte saliente no movimento da Alta Crítica bíblica que tem reduzido hoje numerosas igrejas cristãs a meros espectros religiosos, sem mensagem, sem poder transformador, quase — como dizia o apóstolo Paulo — "não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Efés. 2:12).

Se olharmos em outra direção no campo da filosofia, depararemos com o pólo oposto a Hegel: Soren Klerkegaard (1813-1855). Possuidor também de uma verdade incompleta, tem precipitado o mundo no terreno resvaladiço do existencialismo que está produzindo os problemas sociais conhecidos como: *hooligans*, *beatniks* e iracundos.

A verdade que nos libertará tampouco é a da

b. *Ciência*

Em seu afã por desentranhar os segredos da Natureza e dos homens, a ciência tem conseguido — projetando-se na técnica — tornar mais cômoda a vida humana. Mas também a tornou mais insegura. É que o homem tem agido como o aprendiz de feiticeiro que, esforçando-se por conhecer certos mistérios, desencadeou forças que depois não pôde controlar. Pela primeira vez na História, pode o homem fazer a humanidade toda viver sob a escura sombra do temor. E onde existe temor, não há completa liberdade.

Que dizer do vácuo interior que uma filosofia e uma ciência cada vez mais difundidas, estão deixando em milhões que, para enchê-lo, lançam-se desenfreadamente na corrida dos prazeres, dos vícios e do pecado em geral?

O problema é que a filosofia e a ciência, embora andem à procura da verdade, *não são* a verdade, e, conseqüentemente, não podem dar liberdade.

O apóstolo Paulo resume, em Romanos 1:18-31, a condição do homem que, confiado em sua razão, emancipou-se de Deus, tornando-se escravo de suas paixões.

O Dr. Lin Yutang, famoso filósofo chinês, primeiro cristão, depois pagão e finalmente cristão outra vez (desde 1958), explica porque se tornou cristão:

"Muitos me têm perguntado por que eu, declarado pagão durante tanto tempo, retornei ao cristianismo.

"... Não há homem inteligente que se sinta feliz em meio à incerteza. O ser humano busca sempre conforto numa crença unificada (quer se chame filosofia ou religião), que

lhe explique o mistério de seu Eu, seus motivos, suas ações, seu destino.

"Ao longo de mais de 30 anos, minha única religião foi o humanismo; a crença em que o homem, guiado pela razão, bastava a si mesmo; a confiança em que o progresso do saber humano, por sua própria virtude, produziria automaticamente um mundo melhor. Havendo, porém, presenciado o avanço do materialismo do século XX, e o proceder de algumas nações apartadas de Deus, cheguei à convicção de que o humanismo é insuficiente, e que o homem, para sua verdadeira sobrevivência, precisa vincular-se com um Poder exterior e superior a ele. Por isso voltei para o cristianismo."⁵

O Dr. Henrique Link, psicólogo, em sua obra *The Return to Religion* (O Retorno à Religião), após uns 20 anos de prática psicológica, explica porque se converteu ao cristianismo. Diz entre outras coisas:

A religião é a única força universal e permanente capaz de ajudar a resolver os inevitáveis conflitos morais e intelectuais dos pais, dos filhos e da sociedade em geral."⁶ "Num mundo cambiante e rebelde à autoridade, Deus é o único ponto fixo."⁷

A única verdade que nos poderá dar liberdade completa é a verdade da

c. Religião

Somente encontramos verdade plena em Deus, Sua lei e Sua Palavra. É esta verdade imutável que deu e continua dando ao ser humano as únicas respostas de valor permanente às três perguntas fundamentais:

- Quem sou?
- De onde venho?
- Para onde vou?

Esta verdade é a única que permite enfrentar os problemas da existência sem temor, com a serenidade de um mártir e a coragem de um herói. É a única que de maneira segura nos orienta no presente e nos liberta da incerteza do futuro.

É esta verdade pura do evangelho que tem

levado paz e liberdade aos caçadores de cabeças da Polinésia, que viviam atemorizados pelos espíritos malignos e suas próprias práticas pecaminosas. É também a única que poderá dar-nos atualmente, em meio ao movimento apressado e vacilante de nossa civilização pseudo-cristã, um rumo certo e uma liberdade segura.

Desejamos liberdade? Recomendava Salomão: "Compre a verdade, e não a vendas." Prov. 23:23.

"Como Tu, Jesus"

Não basta conhecer a verdade intelectualmente. "Apenas poucos dos que agora professam crer a verdade se salvarão finalmente."⁸ "Não é suficiente pregar a verdade; deve ser praticada na vida."⁹ Se quereis realmente transformar o mundo, tereis que ser a verdade.

Disse Jesus: "Eu sou... a verdade." S. João 14:6. E cristão é somente aquele que procede, fala e pensa como Cristo o faria se estivesse em seu lugar.

"Como Tu, Jesus" será uma realidade em nossa vida, unicamente se vivermos a verdade em cada instante: na rua, no escritório, na escola, na igreja, na intimidade de nossos lares... em todo tempo e lugar.

E. G. White afirmava com razão: "Podeis realizar mais vivendo a verdade do que falando dela a outros."¹⁰

Sejam, pois, o alvo de nossa vida, as palavras do Mestre: "EU PARA ISSO NASCI E PARA ISSO VIM AO MUNDO, A FIM DE DAR TESTEMUNHO DA VERDADE."

- 1) E. G. White, *Testimonies*, Vol. 1, pág. 230.
- 2) *Fundamentos de una Metafísica del Conocimiento*.
- 3) *Review and Herald*, 29 de dezembro de 1896; também em *The SDA Bible Commentary*, Vol. 6, pág. 1079.
- 4) Julián Marías, *História de la Filosofía* (Madrid, *Manuales de la Revista de Occidente*, 1952), pág. 291.
- 5) *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1960, pág. 14.
- 6) "Retorno a la Religión," em *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1959, pág. 184.
- 7) *Idem*, pág. 190.
- 8) E. G. White, *Testimonies*, Vol. 2, pág. 445.
- 9) E. G. White, *op. cit.*, Vol. 5, pág. 576.
- 10) *Idem*, Vol. 2, pág. 78.

MODERA-ME

Modera-me, Senhor. Abrandas as batidas de meu coração, tranquilizando-me a mente. Reprime-me o passo apressado com a visão da eterna extensão do tempo. Dá-me, entre a confusão do presente, a calma das colinas duradouras. Desfaz a tensão de meus nervos e músculos com a branda música dos cânticos que subsistem na memória. Ensina-me a arte de ter pequenos períodos de descanso — para contemplar uma flor, palestrar com um amigo, acariciar um cão ou ler algumas linhas de um bom livro. Faze-me olhar para os ramos dum carvalho altaneiro e compreender que ele se tornou grande e forte devido a crescer vagarosa e firmemente. Modera-me, Senhor, e inspira-me a aprofundar as raízes no solo dos valores perduráveis da vida.

— AUTOR DESCONHECIDO.

Surpreendentes Declarações a Respeito da Lei e do Sábado

SALIM JAPAS



ENQUANTO examinava algumas obras curiosas, de propriedade do pastor Henrique Lautaret, fiquei admirado pelos comentários e notas que aparecem no **NÓVO TESTAMENTO** publicado pela **SOCIEDADE AMERICANA**

DE TRATADOS, da rua 7 West Forty-Fifth, Nova York. A edição pertence ao ano de 1906, e a tanto que saibamos está esgotada. Comentaram os textos mais importantes, destacadas personalidades teológicas que nessa época labutavam em vários países das Américas.

Os três evangelhos sinópticos foram anotados pelo reverendo Daniel Hall, que trabalhava em Córdova, Argentina. O Evangelho de S. João, pelo reverendo P. A. Rodríguez de Nashville, Tenessi, EE. UU. Os Atos dos Apóstolos, pelo Dr. Carlos W. Drees, de Buenos Aires, Argentina. As treze epístolas paulinas receberam o comentário de P. A. Rodríguez, já citado, e do Sr. Carlos Araujo Garcia, de Madri. A epístola aos Hebreus foi comentada pelo Rev. A. R. Miles, que exercia suas atividades em Bogotá, Colômbia. As Epístolas Universais e o Apocalipse, pelo Rev. Guilherme Sloan, do México.

A revisão do manuscrito foi confiada ao Dr. W. W. Rand e ao Prof. Rodríguez.

A seguir transcrevo alguns comentários a certas passagens que têm sido causa de diversas controvérsias. O pensamento expressado nos alegria e demonstra mais uma vez que a teologia adventista está orientada corretamente.

S. Mat. 5:17: "Cristo não veio ab-rogar nenhum dos princípios morais ensinados pelo Velho Testamento. Êsses princípios são eternos. O que fez foi ensinar que a Lei é espiritual: explicou com maior perfeição seus desígnios, obedeceu-lhes e cumpriu em Sua própria pessoa o que d'Ele estava prefigurado nas cerimônias da Lei, realizando assim as predições dos profetas."

S. Mar. 2:27: "O dia de repouso foi dado para benefício do homem. Gên. 2:2 e 3; Neem. 9:12-15. A ciência moderna está de acordo com isto: o homem que tem um dia de repouso, não de desenfreamento, em cada sete dias,

é mais feliz, vive mais tempo e no fim do ano efetuou maiores coisas que o que trabalha os sete dias da semana... O Nôvo Testamento estabelece o dia de repouso com a declaração do Senhor de que 'o dia de repouso foi feito por causa do homem.' Sendo isto assim, *enquanto existir o homem, existirá o dia de repouso e a obrigação de observá-lo.* Sendo Cristo o Senhor e o dono do dia de repouso, tem o direito de ordenar a época e a maneira em que temos de observá-lo. Todos os dias pertencem a Deus, mas Ele nos dá seis, para trabalhar, e somente exige que separemos para Ele a sétima parte do tempo. Onde se guarda devidamente o dia de repouso, ali há maiores bênçãos espirituais, morais e materiais."

S. João 9:16: "Não o guardava segundo as indicações dos fariseus, mas sim conforme o espírito e a letra do quarto mandamento."

Rom. 2:6: "À pergunta: Como se justificam os pecadores que têm quebrantado a Lei de Deus?, Paulo responde sempre: Pela fé, e não pelas obras da lei... Mas à interrogação: Que caráter aceitará Deus?, responde S. Tiago: 'Não são os ouvidores da lei que são justos para com Deus, mas sim os obradores da lei que serão justificados.' *A verdadeira fé em Cristo converte sempre os homens em cumpridores da lei. A fé sem obras é morta e será rejeitada por Cristo no último dia.*"

Rom. 3:31: "Desfazemos, portanto, a Lei de Deus que é a norma de nossa vida, e que obriga a todos os que a conhecem? O fato de que Deus salve os pecadores por meio da fé em Cristo, diminui a santidade e autoridade da lei que é a expressão de Sua vontade, ou a obrigação que os homens têm de obedecer-lhe? De maneira alguma... Estabelecemos a lei: mostramos sua excelência, as obrigações imutáveis que impõe, e procuramos persuadir os homens a que se esforcem por segui-la e obedecer-lhe. *O plano da salvação do gênero humano por meio da encarnação, obediência, sofrimentos, morte, ressurreição e intercessão de Jesus Cristo, e pela fé n'Ele, prova que a lei de Deus é justa, santa e boa; que quem a transgide comete uma iniquidade horrenda, que não pode permanecer impune. Aumentam ao mesmo tempo os motivos que temos para obedecer a ela, a fim de honrar a Deus, mostrar-lhe nos-*

sa gratidão e assemelhar-nos em nosso coração e vida Àquele que é a personificação de sua excelência. *Com Sua perfeita obediência à lei divina, Cristo deu aos homens um modelo de perfeição humana que todos os que n'Ele crêem devem imitar fielmente.*"

Rom. 4:15: "Porque a lei opera a ira, êste é o efeito que tem nos homens caídos e pecadores. Impõe em suas consciências a autoridade de Deus, sem provê-los da graça necessária para dominar suas paixões. Em vez de santificá-los e torná-los idôneos para o Céu, a lei suscita ira de dois modos: impondo aos homens deveres que não podem executar, e enchendo-lhes a mente com a certeza da culpabilidade e o temor da ira que há de vir sobre êles. Mas onde não há lei, tampouco há transgressão: I S. João 3:4. *Se fôsse possível viver sem lei, seria igualmente possível estar sem culpa*: quanto menos claramente se revela a lei divina, menos opera a ira. Em vez de salvar aos que a violam, e ao mesmo tempo procuram justificar-se com ela, a lei os condena. Todos os homens a têm transgredido e por conseguinte ninguém pode salvar-se por ela."

Rom. 10:4: "O fim da lei é Cristo para justiça; o verdadeiro objetivo da lei é dar a vida eterna; mas aos homens caídos e pecadores é a causa de morte. Ao livrar os crentes da condenação da lei e do domínio do pecado, Cristo os faz herdeiros da vida eterna e cumpre a finalidade da lei. Crendo em Jesus se obtém esta justiça que as obras próprias não podem assegurar jamais. A fé induz a obedecer à lei e a praticar obras que receberão uma recompensa abundante e cheia de misericórdia.

Rom. 14:5: "... o apóstolo não se refere aqui à diferença que a lei moral faz entre o dia de descanso e os outros dias; mas sim às comi-

das, bebidas, abluções e outras coisas da lei cerimonial."

Gál. 4:10: "Os dias, os meses, os tempos e os anos, ordenados pela lei cerimonial. *Não se refere o apóstolo à guarda do sétimo dia, que Deus mandou que todos os homens observem em tôdas as épocas*; mas às festas das Luas novas, e dos sábados da lei cerimonial que obrigavam os judeus e os prosélitos, e que foram abolidos anos antes de Paulo escrever suas epístolas."

Col. 2:16: "... *Esta passagem não se refere ao sábado da lei moral, nem aos mandamentos que proibem o roubo, o assassinio e o adultério*. Êste sábado semanal nunca prejudicou os homens; antes sempre tem promovido seu bem. Sua observância ajudou-os a conquistar os melhores lugares da Terra, e a possuir a herança do povo de Deus. Isa. 58:13 e 14; Jer. 17:21-27.

S. Tiago 2:25: "Por obras; eram a prova de que ela tinha fé. Existe completa harmonia entre os ensinamentos dêste capítulo e os do apóstolo Paulo. Quando se pergunta qual é o fundamento da justificação perante Deus, responde Paulo que é a fé, e não as obras da lei. Mas quando se pergunta, como aqui, de que caráter deve ser a fé para ser aceita por Deus, ambos os apóstolos dão a mesma resposta: Não é uma fé morta, mas uma fé 'que opera por amor,' ou que, em outras palavras, produz bons frutos por meio da caridade, o que é 'o cumprimento da lei' (Gál. 5:6; Rom. 13:10). Não há discrepância alguma entre a doutrina dos apóstolos Tiago e Paulo a respeito da justificação. O exemplo de Abraão, citado por ambos os apóstolos, ilustra a doutrina de um e outro. Paulo trata da fé como nos justificam diante de Deus; Tiago considera os frutos, ou seja os efeitos da lei."

O Significado da Fé

"O poder salvador da fé não reside nela mesma, mas no onipotente Salvador em que ela se baseia. Não é a fé que salva, mas a fé em Jesus Cristo; fé em qualquer outro salvador ou nesta ou naquela filosofia ou conceito humano (Col. 2:16 e 18, e I Tim. 4:1), ou em qualquer outro evangelho que não o de Jesus Cristo e Êle crucificado (Gál. 1:8 e 9) não produz salvação, mas sim maldição. Estritamente falando, não é a fé em Cristo que salva, mas Cristo quem salva mediante a fé. O poder salvador reside exclusivamente, não no ato da fé, mas no objeto da fé, e nisto se centraliza tôda a representação bíblica, de modo que não poderíamos interpretá-la mais erroneamente do que transferir para a fé, mesmo a menor fração daquela energia salvadora que nas Escrituras é atribuída unicamente ao próprio Cristo." — The Popular and Critical Bible Encyclopedia, pag. 647.

OBRA PASTORAL



Arquipo e sua Escola

RODOLPHO BELZ

Presidente da União Este-Brasileira



NÃO sei se todos conhecem Arquipo e sua escola. Na Epístola de S. Paulo a Filemom, êle o chama de “companheiro de lutas.”⁽¹⁾ Na carta aos Colossenses, êle lhe envia uma mensagem especial nos seguintes termos: “Também dissei a Arquipo: atenta para o Ministério que recebeste no Senhor, para o cumprires.”⁽²⁾ Esta mensagem bem pode ser apenas para alentar o jovem obreiro, a fim de cumprir o seu ministério, mas também pode ser uma advertência para não se absorver em outros negócios fora daquilo que êle recebeu “no Senhor.”

Seria o caso de Arquipo achar pouco ser um ministro de Jesus Cristo? Pretenderia êle ser igual a S. Paulo, alcançar ser membro do sínédrio ou um diploma de advogado ou outro título? Ou será que dedicava apenas uma parte do tempo ao Ministério e a outra em atividades marginais? Seja estímulo ou advertência, algo São Paulo tinha em mira ao enviar tão positiva mensagem. Assim mesmo, êsse curioso personagem conseguiu fazer escola com apreciável número de discípulos, aos quais, S. Paulo se dirige nesta sua advertência. Realmente S. Paulo podia com acêrto falar disto, pois êle tinha por maior estima o vitupério de Cristo do que todos os títulos que havia alcançado anteriormente.

Nas epístolas nunca se intitulou: “Ex-membro do Sínédrio, ex-aluno do grande Gamaliel, ex-fariseu, advogado ou coisa que o valha! Não, sua apresentação sempre era: “Apóstolo de Cristo Jesus.” Isto era sua glória, sua preocupação, sua tarefa, sua vida. O demais êle considerava “perda” e de nenhum valor, face à eternidade. Vejamos o maravilhoso conceito de Paulo com referência às conquistas alcançadas aqui: “Ainda que também podia confiar na

carne: se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu. Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu. Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda tôdas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de tôdas estas coisas, e as considero como estêrco, para que possa ganhar a Cristo.”⁽³⁾

Eis as duas escolas. Para Arquipo, que necessitava de estímulo a fim de que não negligenciasse o chamado divino, talvez houvesse a necessidade de algo mais à altura do reconhecimento do mundo. Para Paulo, a única paixão se centralizava em conhecer a Cristo e propagar a mensagem da cruz que era “escândalo para os judeus, loucura para os gentios” . . .⁽⁴⁾

Meu companheiro no santo ministério: A que escola deves pertencer? É Cristo o centro da tua vida? do teu trabalho, da tua glória? Estás procurando aquilo que para Paulo era “perda”? Perda de tempo, da realidade, de visão, e talvez, se não houver conversão, da eternidade.

Não poderás satisfazer os dois senhores ao mesmo tempo. S. Paulo escreve: “Uma coisa faço.” Jesus foi possuído de um único desejo: “Vivia para abençoar a outros.” E nós ministros temos uma coisa a fazer: “Encaminhar os perdidos aos pés da cruz de Jesus Cristo.”

O demais é “perda” de tempo, de visão, e da realidade do tempo em que vivemos.

Lembra-te, amigo pastor, da mensagem de São Paulo a Arquipo.

Bibliografia:

1. Filemom 2
2. Col. 4:17
3. Fil. 3:4-8
4. I Cor. 1:23

Médicos da Alma

RICARDO BARNETT

Pastor na Associação Pensilvânia



UMA das principais funções pastorais do ministro é a de visitar os lares das pessoas. A importância deste aspecto da obra ministerial não deve ser menosprezada, pois as estatísticas revelam que a igreja cristã está perdendo centenas de membros cada ano, devido à apostasia. Esses débeis e errantes indivíduos poderiam ter sido salvos para a Causa, fôssem eles procurados em seus lares, e caso se tivesse orado e demonstrado verdadeiro interesse pastoral no tocante a sua condição espiritual.

Em vista deste fato, seria bom que cada um de nós avaliasse devidamente este aspecto de nosso ministério, para ver se não temos sido negligentes como subpastôres.

Durante a visita ao lar de um homem de negócios, foi-me perguntado se eu era "o tipo de pastor que visita os lares do povo." Minha resposta induziu-o a explicar que o ministro anterior visitara seu lar somente duas vezes em sete anos, e que uma delas fôra para pedir um favor pessoal. Semelhante negligência pastoral, penso eu, não constitui um caso isolado, o que é confirmado pelas observações tanto dos ministros como dos leigos.

Os membros da igreja têm a peculiaridade de tornar conhecidos seus sentimentos acerca do ministro que raramente os visita, se é que o faz alguma vez. Isto sucede especialmente quando houve doenças nos lares deles. Podem desculpar quem não brilha na oratória do púlpito, mas não o pastor que não vai a suas residências. É lamentável ouvir falar dos problemas pessoais e espirituais de pessoas relegadas ao abandono por aquêles aos quais compete velar pelas almas "como tendo que prestar contas." Mais censurável ainda é ouvir um colega admitir haver incidido no hábito de escrever cartas pastorais como sucedâneo para realizar visitas aos lares. Isto é deslealdade a um encargo sagrado, e por certo nenhuma congregação merece semelhante descuido espiritual.

Uma das qualificações essenciais do bom ministro é o amor pelas pessoas e a personalidade que o capacita a ser exímio visitador. Nenhum subterfúgio de personalidade ou ti-

midez deve impedi-lo de pastorear o seu rebanho, e a inaptidão para comunicar-se com as pessoas e proporcionar-lhes auxílio espiritual, desqualifica o indivíduo para a obra. Amor pelas almas, interesse em seu bem-estar espiritual, mais a união com Cristo, conduzir-nos-á a examinar diligentemente o coração de homens e mulheres, suprindo-os com o cuidado pastoral de que necessitam.

Talvez a negligência em visitar seja a exceção e não a regra, e a fidelidade assinala as atividades pastorais da maioria dos ministros adventistas do sétimo dia. Entretanto, é possível que haja alguns que ao visitar os lares deixem de avaliar corretamente os objetivos de suas visitas. A fim de determinar o resultado final da visitação pastoral, é essencial definir o que é uma visita pastoral. Alguns traçaram acentuada linha de distinção entre visita "pastoral" e "social." Afirmando que uma visita não é necessariamente "pastoral" em razão de abordar o ministro assuntos concernentes à salvação; tampouco é ela inpreterivelmente uma visita "social" devido a não falar êle de coisas diretamente espirituais. Seu aparecimento no lar, na qualidade oficial de pastor, será pastoral no efeito, sem consideração ao que é tratado durante a visita.

A visitação pastoral jamais é uma experiência unilateral. Qual é o pastor cujo coração não se aqueça com o conhecimento de que ajudou alguém no lar a compreender um pouco mais das coisas de Deus, ou talvez de que tenha auxiliado a resolver um problema difícil? Em seu livro, *Pastoral Work* (Obra Pastoral), Adré W. Blackwood declara qual deve ser a atitude do ministro para com este aspecto da responsabilidade pastoral, e como isto auxilia o próprio ministro:

"O homem com coração de pastor aprecia fazer visitas pastorais. Em virtude de amar o Senhor e cuidar das pessoas, êle confia nelas e na visitação às famílias. Descobre que não conhece realmente as pessoas sem que as tenha visto em seus lares. Mesmo que visitar não fôsse um meio instituído por Deus, de nutrição para os leigos beneficiados, mostrar-se-ia proveitoso para o pastor." — Página 61.

A visitação pastoral não somente provê vigor espiritual para os membros, mas também serve de orientação para o programa de pregação do ministro e o ajuda a relacionar-se melhor com seu povo e auxiliá-lo.

O objetivo do ministro em visitar os lares de

seus paroquianos é conquistar-lhes a confiança nêle como amigo, a fim de incentivá-los e ser de alguma utilidade para êles, como conselheiro espiritual.

Tanto os elementos sociais como espirituais devem estar presentes nas visitas pastorais. Uma dificuldade encontrada freqüentemente é quando e como passar, no decorrer da conversação, das coisas seculares para as espirituais. É óbvio que o pastor precisa orientar a conversação, indiretamente, por meio de observações ou perguntas intencionais. Estas girarão em torno de duas coisas principais: Primeira, o lar; e segunda, a igreja e a relação do indivíduo para com ela. Falar acêrca de algum aspecto da igreja no transcurso da visita, via de regra proporciona oportunidade para ler um trecho das Escrituras, realizar uma oração ou ministrar conselho espiritual referente a algum problema pessoal que possa ser apresentado.

No breve período da visita (todas elas devem ser breves, exceto em circunstâncias especiais), cumpre que o pastor avance singularmente de uma relação com seu paroquiano para outra. Primeiro o ministro chega à casa como *amigo* de todos no lar. Então, como *médico espiritual* procura diagnosticar qualquer problema espiritual que possa surgir. Finalmente, é um *pastor* para suas necessidades espirituais. Desejamos salientar que acima de tudo as visitas pastorais devem concluir num tom espiritual, ou mais tarde nutriremos dúvidas sobre se nossa presença nesse lar serviu realmente de algum proveito para a família ou pessoa.

Isto nos conduz à questão de fazer oração no lar. Não poucos de nós, nalgum tempo de nossa experiência, temos ficado embaraçados quando, ao sair de uma casa, fomos detidos abruptamente pelas palavras: "O senhor vai fazer uma oração antes de sair, não é mesmo?" Caso resolvêssemos orar em *cada* lar, evitaríamos semelhante consternação. Admitimos que há certas situações em que pode ser imprudente fazer oração; mas como regra geral, aquêle que penetra no lar como pastor de almas, jamais deve retirar-se dêle sem proferir a bênção celestial sobre êle. Além das bênçãos espirituais invocadas na oração, ela também ajuda os membros a considerarem o pastor um homem de Deus. As interrupções de crianças barulhentas, estridente programa de televisão ou alguma outra atividade familiar, não devem impedir que solicitemos à família reunir-se brevemente para uma palavra de oração. Na maioria dos casos reverente decôro pode ser produzido prontamente por esta sugestão, e tanto vós como vosso hospedeiro ficareis contentes por fazê-lo. O objetivo de nossa visita deve ser decidido de antemão, e até o alvo de nossa oração final; caso façamos esta preparação, nossa presença no lar elevará a pessoa ou a família em direção ao

Céu. Ao mesmo tempo estaremos efetuando o que deveria ser quase uma segunda natureza para nós como homens de Deus.

Embora queiramos ser diligentes em visitar os lares, o bom senso ordena-nos que não estraçguemos nosso bom acolhimento visitando com demasiada freqüência o mesmo lar. Isto talvez pareça muito insignificante para ser mencionado, mas alguns irmãos bem intencionados têm feito isto. Não pode haver regra fixa no tocante a quão a miúdo visitar cada família sob nossa responsabilidade, e por certo o tamanho da igreja terá alguma relação com isso. Alguns "fazem o giro" uma vez por ano; outros uma vez por trimestre. Naturalmente, os doentes, os aflitos ou os enlutados exigem nossa especial atenção, mas deve-se ter o cuidado de não ir ao extremo de comparecer demasiadas vêzes a qualquer lar em que não haja alguma necessidade especial ou solicitação por nossos préstimos. Amiúde somos obrigados por nossos programas a visitar donas de casa que estejam sós, e, como é óbvio, pode expor-nos à suspeita de indiscrição. Prolongadas palestras de conselhos a pessoas do sexo feminino, sempre que possível, bem podem ser realizadas com a ajuda e presença da esposa do ministro.

Ellen G. White aconselhou-nos a sermonear menos e aproximar-nos mais do coração do povo, caso desejemos ser eficientes em nosso trabalho. Certamente o púlpito cumpre seu sagrado propósito de ganhar homens "pela luctura da pregação," Cristo porém nos deu o exemplo de Seu próprio ministério — o de lidar com o auditório de uma só alma, e confrontar os indivíduos pessoalmente com a salvação.

Oxalá cada um de nós considere cuidadosamente nossa atitude para com o programa de visitação e remedeie aquilo em que não temos correspondido às mais elevadas expectativas como Seus subpastôres. Ao analisarmos novamente êste vital aspecto da atividade pastoral, modelemos nosso ministério pelo do Bom Pastor, a fim de que sejamos autênticos e fiéis pastôres do rebanho.

Considerações Sobre . . .

(Continuação da pág. 10)

qualquer parte do Pentateuco, pois os cristãos foram libertados da lei. Acaso quererá êle dizer que nenhuma parte do Pentateuco representa a vontade de Deus para Seu povo hoje em dia? Não nos compete amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos? Ou devemos rejeitar êste preceito em razão de se encontrar no Pentateuco? Se a pessoa estiver livre para violar o sábado do sétimo dia, por que não estará livre para infringir os outros nove mandamentos do Decálogo?

Reflexões Sobre a Música no Velho Testamento



MÚSICA

HUGO DARIO RIFFEL

"Cantai ao Senhor com ações de graça; entónai louvores, ao som da harpa, ao nosso Deus." Sal. 147:7.



A PRÁTICA do canto congregacional não está baseada numa tradição humana, mas é uma instituição de origem divina, que remonta a tempos anteriores à criação do mundo. O próprio Lúcifer sentiu-se atraído pela influência do canto nos primeiros períodos de sua rebelião. Diz-nos o Espírito de Profecia: "Ao ascenderem os cânticos de louvores, em melodiosos acordes, avolumados por milhares de alegres vozes, o espírito do mal pareceu subjugado; indizível amor fazia fremir todo o seu ser; em concerto com os adoradores destituídos de pecado, expandia-se-lhe a alma em amor para com o Pai e o Filho." — *Patriarcas e Profetas* (2ª ed.), pág. 17.

É inegável que a música era um elemento muito importante na vida religiosa do povo de Israel, não somente na celebração de grandes acontecimentos, como a travessia do Mar Vermelho ou a transferência da arca de Quiriate-Jearim a Jerusalém, mas também nos lares, nas escolas e nos serviços religiosos. Nas Escolas dos Profetas a música e a poesia sagradas eram ensinadas como matérias principais de estudo para os jovens que aspiravam a ser os dirigentes espirituais do povo de Deus. "Fazia-se com que a música servisse a um santo propósito, a fim de erguer os pensamentos àquilo que é puro, nobre e edificante, e despertar na alma devoção e gratidão para com Deus." — *Idem*, pág. 637. É-nos dado o conselho: "Haja canto na escola . . ." e "Nunca se deve perder de vista o valor do canto como meio de educação." — *Educação*, pág. 167. "O devido adestramento da voz é um aspecto importante da educação, e não deve ser negligenciado." — *Patriarcas e Profetas* (2ª ed.), pág. 637.

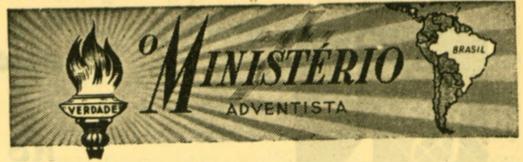
Quantas bênçãos produz o seguir êstes conselhos em nossas igrejas e escolas! A meninice e a juventude de hoje aproximam-se das coisas celestiais, e os ministros do amanhã recebem uma educação que os incentivará a orga-

nizar musicalmente as igrejas sob sua responsabilidade, para honra e glória de Deus.

Não conhecemos muito acêrca do som dos instrumentos musicais descritos no Velho Testamento, e que eram utilizados para acompanhar os cânticos; apenas sabemos que havia instrumentos pertencentes às três grandes famílias instrumentais: cordas, como o saltério e a harpa; instrumentos de sôpro, dos quais são citados a flauta, o órgão, a buzina e a trombeta; e também instrumentos de percussão: tamborim, pandeiro, adufe e címbalo. Suas origens são assaz remotas: antes do dilúvio já se menciona a Jubal, o qual "foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta" (Gên. 4:21). Há razões para supor que em realidade se tratava de liras e flautas rudimentares, respectivamente. É de veras interessante e instrutivo ler acêrca da organização musical nos dias de Davi, tal como é descrito em I Crônicas, capítulo 25, versos 1 a 8. Vemos aí que um conjunto de levitas, os filhos de Asafe, Hemã e Jedutum, foram separados para o ministério da música, a fim de profetizar com os seus instrumentos respectivos. Seu trabalho foi perfeitamente regulamentado, criando-se turnos de serviço para os músicos da côrte real e do culto. Destarte, quando chegou o solene ato da dedicação do templo de Salomão, os cantores levitas estiveram presentes com seus instrumentos. "... Em uníssono, a um tempo, . . . cantavam para . . . louvar ao Senhor e render-Lhe graças." II Crôn. 5:13.

Que admirável exemplo para o Israel moderno! Em primeiro lugar são os homens separados para um ministério especial, e depois suas atividades são ordenadas, a fim de que tudo se fizesse corretamente, apresentando na ocasião apropriada, um serviço musical verdadeiramente meritório. Oxalá que nossos ministros se apeguem a êstes princípios diretrizes de organização e educação musicais encontrados no Velho Testamento, e que têm plena vigência em nossos dias. Únicamente assim elevaremos o nível musical em nossos cultos, e os membros receberão consôlo e bênção.

Ilustrações



“Ele Me Conserva Com Vida”

O SR. CUNNINGHAM, um missionário da Aliança Cristã, que trabalhava na China do Sul, conta de um nativo que certa vez se aproximou dêle, dizendo: “Por que os senhores não pregam alguma coisa diferente? Têm estado pregando êsse Jesus durante três dias.”

— Que comeu o senhor na primeira refeição? indagou o missionário.

— Arroz, respondeu o chinês.

— E no almoço?

— Arroz.

— No jantar?

— Ora, arroz!

— Que o senhor comeu ontem?

— Arroz.

— Que tem comido durante anos? perguntou ainda o missionário.

— Arroz, replicou o perplexo homem.

— Por que come arroz diariamente? Por que não come outra coisa?

— Porque êle me conserva com vida.

— Esta é exatamente a razão porque pregamos a Jesus — Êle é vida para nós, e não podemos viver sem Êle, explicou o missionário. — *The Christian Herald.*

Para Seu Próprio Benefício

FRANCISCA HAVERGAL escreveu seu famoso hino “Toma Minha Vida,” em 1874, mas foi somente em 1878 que as linhas foram impressas. Ao ler ela a segunda estrofe de sua composição saída do prelo: “Toma minha prata e meu ouro, nem a menor quantia desejo reter,” ficou profundamente convicta de sua própria deficiência em fazer isso.

Possuía surpreendente coleção de jóias preciosas, na sua maioria provenientes de doações ou heranças. Entre elas havia um invulgar estójo de pedras preciosas. Imediatamente, encheu ela a caixa de jóias (com exceção de meia dúzia de objetos que constituíam lembranças especiais de seus pais e parentes) e enviou-a para a sociedade missionária de sua igreja. Incluiu também um cheque para cobrir o valor monetário das jóias que resolvera guardar.

— Penso ser escusado dizer-vos que jamais enchi uma caixa com tanto prazer, declarou ela.

— *Mary S. Stover.*

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 500,00

Número Avulso Cr\$ 85,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00

Número Avulso US\$ 0,35



Ano 31

Nº. 5

NESTE NÚMERO

CAPA: © A. Devaney, Inc.

ACÚMULO DE LIVROS 2

EDITORIAL

Automatização Impossível 3

ARTIGOS GERAIS

Considerações Sobre os Comentários de Walter
Martin Acerca do Sábado e o Dia do Senhor
— III 5

Suposta Influência Exterior Sobre E. G. White 11

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

Que é a Verdade? 14

Surpreendentes Declarações a Respeito da Lei
e do Sábado 18

OBRA PASTORAL

Arquipo e sua Escola 20

Médicos da alma 21

MÚSICA

Reflexões Sobre a Música no Velho Testamento 23

ILUSTRAÇÕES

“Ele me Conserva com Vida” 24

Para seu Próprio Benefício 24

